

**Dança Turnê:**

# Lia Rodrigues faz *Pororoca* na França

Companhia está em Angers, depois vai a Vitry-sur-Seine, Paris e Lyon, chegando ao Brasil com o novo trabalho só em março

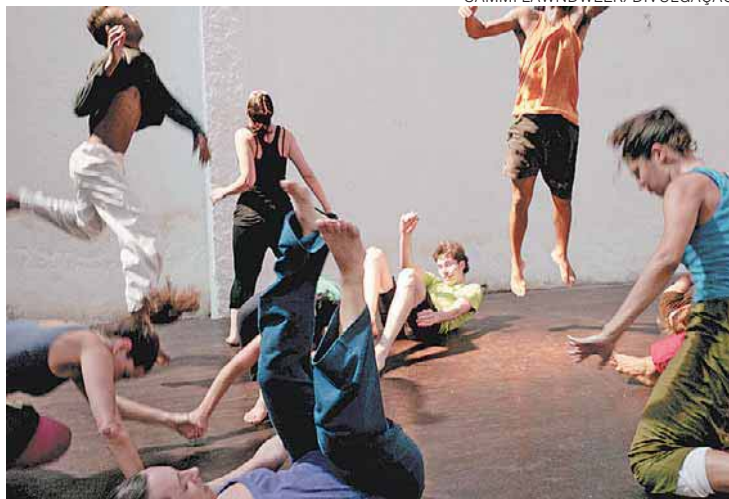
**Helena Katz**  
ESPECIAL PARA O ESTADO

A Lia Rodrigues Companhia de Danças estreia hoje, na França, *Pororoca*, sua nova criação, no Théâtre le Quai T400, no Centro Nacional de Dança Contemporânea de Angers, e, de lá, segue para o Théâtre Jean Vilar, em Vitry-sur-Seine. Depois, dança em Paris, no prestigioso Théâtre de la Ville, onde os ingressos se esgotaram tão rapidamente, que foi necessário abrir uma sessão extra. A temporada francesa se encerra em Lyon, na Maison de la Danse, dia 2 de dezembro.

O Brasil só conhecerá esta *Pororoca* em março, quando ela acontecer no Centro de Artes da Maré, no Rio. Durante um mês, todo o repertório será mostrado lá, iniciando a comemoração dos 20 anos da companhia. Essa situação já sinaliza como a companhia vive aqui, onde quase nunca recebe convites para se apresentar.

*Pororoca* tem em cena 11 dos 15 profissionais do grupo. Em entrevista por telefone para o **Estado**, Lia Rodrigues contou que tinha o desejo de trabalhar com muitas pessoas ao mesmo tempo. “Manter uma companhia grande é quase uma atitude política, de tantas dificuldades que isso representa. Nos faz precisar descobrir um jeito de se mover sem se machucar e sem machucar o outro, já que nos movemos juntos”, diz. Sem garantia de que continuará a contar com o financiamento da Petrobrás, via Lei Rouanet, para a manutenção da sua companhia, vive a situação de instabilidade que rege o mundo da dança no nosso País.

Para ela, é um privilégio poder criar com o grupo. “Como



SAMMI LAWNDWEER/DIVULGAÇÃO

**CENA DE POROROCA** – No palco, dançam 11 dos 15 bailarinos do grupo

conseguir formar outra geração de bailarinos? Como manter isso quando o sistema diz que não? Mas quando entro no nosso espaço, vejo que faz sentido, alguma coisa pode mudar.”

A Redes de Desenvolvimento da Maré é a parceira da companhia na construção desse espaço, dedicado à formação, criação, difusão e produção das artes que se pensam em relação ao processo social. A opção que Lia Rodrigues fez, há seis anos, de instalar a sua companhia na Favela da Maré, foi a resposta que encontrou para seu questionamento do que seria uma verdadeira “contrapartida social” – fora do entendimento habitual de realizar workshops em bairros distantes.

Lá, no dia 6 de novembro, a companhia realizou uma sessão de cinema diferenciada. Projetou, nas suas paredes e sem som, imagens imensas de filmes de dança, musicais, espetáculos e performances de várias épocas e estilos, um ao lado do outro, das 18h às 24h. Com pipoca de graça e colchonetes para quem quisesse se acomodar,

exibiram o material cedido pela Cinémathèque de la Danse, de Paris. “Parecia que as pessoas estavam lá, gigantes, dançando soltas”, comentou.

“A experiência física de viver aqui é muito diferente. Você fica muito de frente para a desigualdade, e isso te faz perguntar o que é mesmo arte. E, ao mesmo tempo, te faz perceber

## COMO HÁ MUITO NÃO FAZIA NAS PEÇAS, VOLTOU A CONVIDAR FIGURINISTAS

que tem uma coisa muito importante ali. É um lugar onde a comunicação é muito rápida. Todo mundo sabe logo de tudo. Tudo chega em você. A vida acontece na rua porque as casas são muito abafadas. Festa de aniversário é na rua, bares são na rua, é um outro modo de viver, que tem a ver com o calor, sempre em torno dos 40 graus, um calor que constrói um outro mundo. E é também uma expe-

riência muito barulhenta, mas tão barulhenta que, na hora de criar dança, não dá vontade de colocar mais uma música para soar naquele ambiente. Tem tanta música tocando o tempo todo, e se misturando com sons de buzina, rojão, tiro, tudo acontecendo junto, gente e bicicleta na contramão, porque as ruas não têm mão certa.”

O grupo ensaia de 10h às 16h30 e depois dá aulas para a comunidade nesse galpão enorme, de 1.200 metros quadrados, que constrói há mais de um ano. “Já estou há muito tempo nessa criação, porque a organização desse espaço faz parte dela. Parece que o trabalho é só um pedaço, o outro é fazer o espaço existir, e há ainda outro: entender melhor como se vive aqui, como funcionam as pessoas, a rua. A *Pororoca* é parecida com as coisas que sinto quando ando por aqui na Nova Holanda.”

Depois de muito tempo sem usar figurinos em suas criações, desta vez Lia Rodrigues convidou João Saldanha e Marcelo Braga para criá-los. “São 11 pessoas muito diferentes, que ficam juntas todo o tempo em cena, cada um com um jeito de se mexer e de pensar. Corpos muito diferentes, de diferentes lugares do Brasil, que precisam estar muito disponíveis para que a *Pororoca* aconteça no meio dos seus cheiros e seus suores. Leva um certo tempo para se conseguir convergir para criar um trabalho.”

Lia conta que ler *Grande Sertão, Veredas*, de Guimarães Rosa, a ajudou muito. “De repente, me senti lançada naquele universo. Me deu uma impressão

de dança. Antônio Cândido falou coisas lindas do *Grande Sertão*. Tom Jobim leu, e viu música. O último CD do Egberto Gismonti é sobre o *Grande Sertão*.”

O Brasil que vai esperar para ver essa *Pororoca* acabou de assistir *Hymnen*, que ela coreografou para os 30 bailarinos do Ballet de Lorraine, no ano passado, em parceria com Didier

Deschamps, usando a partitura de Karlheinz Stockhausen, e cenários de Gérard Fromanger. Nessa produção, investigou modos de lidar com a utopia do movimento de Maio de 68, e nela discutiu as formas de organização da massa e da multidão. Como se vê, caminhar na direção da realização de utopias parece ser o seu ponto forte. ●

## REY DE LOS ANDES DO CHILE PARA SUA TAÇA

BEBA COM MODERAÇÃO



SELECIONADO E IMPORTADO POR  
**FABRIZIO FASANO**

WWW.VINHOSFASANO.COM.BR

